

As instruções dos Espíritos Superiores

Será que somente Espíritos Superiores nos trazem novas instruções? O estudo das obras de Kardec pode indicar exatamente o contrário.

Temos visto alguns companheiros tomarem as obras de Kardec como se, por elas, a Doutrina Espírita estivesse pronta e acabada, enquanto outros acham que pode, sim, haver novas instruções; porém, advogam que essas só poderiam vir de Espíritos Superiores, entendidos os da segunda classe da Escala Espírita.

A nosso ver, ambos os grupos laboram em erro, sem que tenhamos a intenção de denegrir ou desdenhar ninguém, até mesmo porque comungávamos com as ideias do segundo grupo.

Sobre a Doutrina Espírita estar pronta e acabada, relembramos o que já apontamos alhures, baseando-nos nas considerações do próprio Codificador:

Mas, dir-se-á, ao lado destes fatos [referindo-se às manifestações espíritas] tendes uma teoria, uma doutrina; **quem vos diz que essa teoria não sofrerá variações;** que a de hoje será a mesma em alguns anos?

Sem dúvida, ela pode sofrer modificações em seus detalhes, em consequência de novas observações. Mas estando o princípio doravante adquirido, não pode variar e ainda menos ser anulado; aí está o essencial. Desde Copérnico e Galileu, calculou-se melhor o movimento da Terra e dos astros, mas o fato do movimento permaneceu com o princípio. (KARDEC, 2000c, p. 40, grifo nosso).

[...] As lacunas que a teoria atual pode ainda encerrar se encherão do mesmo modo. **O Espiritismo está longe de ter dito a última palavra, quanto às suas consequências, mas é inabalável em sua base, porque esta base se assenta sobre os fatos.** (KARDEC, 2000c, p. 41, grifo nosso).

O Livro dos Espíritos não é um tratado completo do Espiritismo; não faz senão colocar-lhe as bases e os pontos fundamentais, que devem se desenvolver sucessivamente **pelo estudo e pela observação.** (KARDEC, 1993j, p. 223, grifo nosso).

Se bem que o Espiritismo não haja dito ainda a sua última palavra sobre todos os pontos, ele se aproxima de seu complemento, e o momento não está longe em que lhe será necessário dar uma base forte e durável, **suscetível, no entanto, de receber todos os desenvolvimentos que as circunstâncias ulteriores comportarem,** e dando toda segurança àqueles que se perguntam quem lhe tomará as rédeas depois de nós. (KARDEC, 1993j, p. 370, grifo nosso).

O programa da Doutrina não será, pois, invariável senão sobre os princípios passados ao estado de verdades constatadas; para os outros, ela não os admitirá, como sempre o fez, **senão a título de hipóteses até a confirmação.** Se lhe for demonstrado que ela está no erro sobre um ponto, ela se modificará sobre esse ponto. (KARDEC, 1993j, p. 377, grifo nosso).

Além disso, convém notar que **em parte alguma o ensino espírita foi dado integralmente;** ele diz respeito a tão grande número de observações, a assuntos tão diferentes, exigindo conhecimentos e aptidões mediúnicas especiais, que impossível era acharem-se reunidas num mesmo ponto todas as condições necessárias. [...].

A revelação faz-se assim parcialmente em diversos lugares e por uma multidão de intermediários e **é dessa maneira que prossegue ainda, pois que nem tudo foi revelado.** (KARDEC, 2007e, p. 49, grifo nosso).

[...] **Caminhando de par com o progresso, o Espiritismo jamais será ultrapassado, porque, se novas descobertas lhe demonstrarem estar em erro acerca de um ponto qualquer, ele se modificará nesse ponto. Se uma verdade nova se revelar, ele a aceitará.** (KARDEC, 2007e, p. 54, grifo nosso).

Portanto, por essas considerações de Kardec, fica bem claro que o Espiritismo não é uma Doutrina pronta e acabada e nem tão pouco fechada como alguns confrades pensam.

Do capítulo I de *A Gênese*, "Caráter da revelação espírita", merecem destaque, para esse nosso estudo, estes dois trechos, os quais também já os mencionamos em outro artigo:

[...] a doutrina não foi *ditada completa, nem imposta à crença cega*; porque **é deduzida, pelo trabalho do homem, da observação dos fatos que os Espíritos lhe põem sob os olhos** e das instruções que lhe dão, instruções que ele estuda, comenta, compara, a fim de tirar ele próprio as ilações e aplicações. [...]. (KARDEC, 2007e, p. 28, grifo nosso).

15. – Citemos um exemplo. Passa-se no mundo dos Espíritos um fato muito singular, de que seguramente ninguém houvera suspeitado: o de haver Espíritos que se não consideram mortos. Pois bem, **os Espíritos superiores, que conhecem perfeitamente esse fato, não vieram dizer antecipadamente: "Há Espíritos que julgam viver ainda a vida terrestre, que conservam seus gostos, costumes e instintos." Provocaram a manifestação de Espíritos desta categoria para que os observássemos.** Tendo-se visto Espíritos incertos quanto ao seu estado, ou afirmando ainda serem deste mundo, julgando-se aplicados às suas ocupações ordinárias, deduziu-se a regra. A multiplicidade de fatos análogos demonstrou que o caso não era excepcional, que constituía uma das fases da vida espírita; pode-se então estudar todas as variedades e as causas de tão singular ilusão, reconhecer que tal situação é sobretudo própria de Espíritos pouco adiantados moralmente e peculiar a certos gêneros de morte; que é temporária, podendo, todavia, durar semanas, meses e anos. Foi assim que a teoria nasceu da observação. **O mesmo se deu com relação a todos os outros princípios da doutrina.** (KARDEC, 2007e, p. 29, grifo nosso).

Observamos que, por essas transcrições, se confirma que a Doutrina não veio pronta, o que muito bem poderiam trazê-la os Espíritos Superiores, mas, ao invés disso, eles nos colocaram diante dos fenômenos espirituais – os de efeitos inteligentes e os de efeitos físicos – para que, deles, nós deduzíssemos os ensinamentos e suas causas. Evidencia-se, também, a participação efetiva de Espíritos de outras ordens que não a dos Superiores. Ademais, ainda podemos lembrar algo que S. Vicente de Paulo disse, num outro contexto, mas que vem a calhar, pois torna essa questão de superior um pouco relativa: **"Jamais vos esqueçais de que o Espírito, seja qual for o seu grau de adiantamento e a sua situação, como reencarnado ou na erraticidade, está sempre colocado entre um superior, que o guia e aperfeiçoa, e um inferior, perante o qual tem os mesmos deveres a cumprir."** (KARDEC, s/d, p. 502-503, grifo nosso).

Em *Obras Póstumas*, veremos novamente essa participação, no caso, de Kardec no processo de elaboração do corpo doutrinário:

Foi nessas reuniões que comeci os meus estudos sérios de Espiritismo, menos, ainda, por meio de revelações, do que de observações. **Apliquei a essa nova ciência, como o fizera até então, o método experimental;** nunca elaborei teorias preconcebidas; **observava cuidadosamente, comparava, deduzia consequências; dos efeitos procurava remontar às causas, por dedução e pelo encadeamento lógico dos fatos, não admitindo por válida uma explicação, senão quando resolvia todas as dificuldades da questão.** Foi assim que procedi sempre em meus trabalhos anteriores, desde a idade de 15 a 16 anos. [...]. (KARDEC, 2006a, p. 299, grifo nosso).

Nada de graça, muito menos teria “caído de paraquedas”; tudo foi fruto de dedicação e suor humano; aliás, sabe-se que Kardec comprometeu sua saúde de tanto trabalhar.

Pensar que somente os Espíritos Superiores é que nos trazem instruções, parece-nos que é não levar em conta essas observações de Kardec:

58. – Mas, **nem só os Espíritos superiores se manifestam; fazem-no igualmente os de todas as categorias e preciso era que assim acontecesse, para nos iniciarmos no que respeita ao verdadeiro caráter do mundo espiritual**, apresentando-se-nos este por todas as suas faces. Daí resulta serem mais íntimas as relações entre o mundo visível e o mundo invisível e mais evidente a conexão entre os dois. Vemos assim mais claramente donde procedemos e para onde iremos. Esse o objeto essencial das manifestações. **Todos os Espíritos, pois, qualquer que seja o grau de elevação em que se encontrem, alguma coisa nos ensinam**; cabe-nos, porém, a nós, visto que eles são mais ou menos esclarecidos, discernir o que há de bom ou de mau no que nos digam e tirar, do ensino que nos deem, o proveito possível. Ora, **todos, quaisquer que sejam, nos podem ensinar ou revelar coisas que ignoramos e que sem eles nunca saberíamos**. (KARDEC, 2007e, p. 57, grifo nosso).

Aliás, é bom lembrar que toda a segunda parte da obra *O céu e o inferno* contém mensagens sobre a situação no mundo espiritual de Espíritos de diversas categorias, das quais surgiram alguns pontos doutrinários.

E que haverá novas instruções é, também, um fato:

O Espiritismo, hoje, projeta luz sobre uma imensidade de pontos obscuros; não a lança, porém, inconsideradamente. Com admirável prudência se conduzem **os Espíritos, ao darem suas instruções. Só gradual e sucessivamente consideraram as diversas partes já conhecidas da Doutrina, deixando as outras partes para serem reveladas à medida que se for tornando oportuno fazê-las sair da obscuridade**. Se a houvessem apresentado completa desde o primeiro momento, somente a reduzido número de pessoas se teria ela mostrado acessível; houvera mesmo assustado as que não se achassem preparadas para recebê-la, do que resultaria ficar prejudicada a sua propagação. **Se, pois, os Espíritos ainda não dizem tudo ostensivamente**, não é porque haja na Doutrina mistérios em que só alguns privilegiados possam penetrar, nem porque eles coloquem a lâmpada debaixo do alqueire; **é porque cada coisa tem de vir no momento oportuno**. Eles dão a cada ideia tempo para amadurecer e propagar-se, antes que apresentem outra, e *aos acontecimentos o de preparar a aceitação dessa outra*. (KARDEC, 2007c, p. 370-371, grifo nosso).

Claro que não devemos acreditar em alguma novidade simplesmente porque um Espírito a apresenta, pois é preciso seguir as orientações de Kardec sobre a necessidade de passar tudo pelo filtro do Controle Universal do Ensino dos Espíritos, uma vez que a opinião de um Espírito é apenas uma opinião pessoal, que, por ser individual, não fará corpo doutrinário.

Kardec seguia fielmente essa orientação de Erasto, publicada na *Revista Espírita 1861*:

Na dúvida, abstém-te, diz um de vossos antigos provérbios; não admitais, pois, senão o que vos é de uma evidência certa. **Desde que uma opinião nova surge, por pouco que ela vos pareça duvidosa, passai-a pelo crivo da razão e da lógica; o que a razão e o bom senso reprovam, rejeitai-o ousadamente; mais vale repelir dez verdades, do que admitir uma única mentira, uma única teoria falsa**. [...]. (KARDEC, 1993f, p. 242, grifo nosso).

Sobre a opinião de um Espírito, ser individual, esse foi um ponto que Kardec insistia sempre, como, por exemplo, neste trecho que encontramos na *Revista Espírita 1865*:

O Espiritismo não é mais a obra de *um único Espírito* como não é a de *um único homem*; é a obra *dos Espíritos* em geral. Segue-se que **a opinião de um Espírito** sobre um princípio qualquer não é considerada pelos Espíritos senão como uma opinião individual, que pode ser justa ou falsa, e **não tem valor senão quando é sancionada pelo ensino da maioria, dado sobre os diversos pontos do globo**. Foi esse ensino universal que fez o que ele é, e que fará o que será. **Diante desse poderoso critério, caem necessariamente todas as teorias particulares que sejam o produto de ideias sistemáticas, seja de um homem, seja de um Espírito isolado**. Uma ideia falsa pode, sem dúvida, agrupar ao seu redor alguns partidários, mas não prevalecerá jamais contra aquela que é ensinada por toda a parte. (KARDEC, 2000c, p. 307, grifo nosso).

No início, Kardec afirma que o Espiritismo “é obra dos Espíritos em geral”, o que acreditamos; não coadunaria caso fosse revelado somente por Espíritos Superiores. Aliás, é oportuno transcrevermos uma parte da segunda conversa com o Espírito Pierre Le Flamand, publicado na *Revista Espírita 1859*, mês de maio:

47. Voltemos ao senhor Allan Kardec. – R. Fui à sua casa anteontem à noite; estava ocupado escrevendo em seu escritório..., trabalhava numa nova obra que prepara... **Ah! ele nos melhora bem**. A nós outros, pobres Espíritos; se não nos conhecerem não será por culpa sua.

48. Estava só? – R. Só, sim, quer dizer que não havia ninguém com ele; mas **havia, ao redor dele, uma vintena de Espíritos que murmuravam acima de sua cabeça**.

49. Ele os ouvia? – R. Ouvia-os, se bem que olhasse por todos os lados para ver de onde vinha esse ruído, para ver se não eram milhares de moscas; depois, abriu a janela para ver se não fora o vento ou a chuva.

Nota. – O fato era perfeitamente exato.

[...].

51. Esses Espíritos pareciam se interessar pelo que ele escrevia? – R. Eu o creio muito! Sobretudo, **havia dois ou três que lhe sopravam o que ele escrevia e que tinham o ar de se aconselharem com outros; ele, ele acreditava ingenuamente que as ideias eram dele, e com isso parecia contente**. (KARDEC, 1993e, p. 119-120, grifo nosso).

Aqui também não há nenhuma especificação de que os Espíritos que “sopravam” aos ouvidos de Kardec, eram todos eles Espíritos Superiores. Não podemos deixar de registrar a condição de médium que possuía o Codificador; provavelmente médium de intuição.

Esperamos que este estudo possa provocar questionamentos sobre o que abordamos nele, que seja visto como uma contribuição, ainda que mínima, para o esclarecimento de muitos que ainda transitam pela estrada da dúvida.

Paulo da Silva Neto Sobrinho
Fev/2015

Referências bibliográficas:

- KARDEC, A. *A Gênese*. Rio de Janeiro: FEB, 2007e.
- KARDEC, A. *O Céu e o Inferno*. Rio de Janeiro: FEB, 2007d.
- KARDEC, A. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. Rio de Janeiro, FEB, 2007c.
- KARDEC, A. *Obras Póstumas*. Rio de Janeiro: FEB, 2006a.
- KARDEC, A. *Revista Espírita 1859*. Araras, SP: IDE, 1993e.

KARDEC, A. *Revista Espírita 1859*. Rio de Janeiro: FEB, arquivo PDF, s/d.
KARDEC, A. *Revista Espírita 1861*. Araras, SP: IDE, 1993f.
KARDEC, A. *Revista Espírita 1865*. Araras, SP: IDE, 2000c.
KARDEC, A. *Revista Espírita 1868*. Araras, SP: IDE, 1993j.

Este artigo foi publicado:

– revista **Espiritismo, O Grande Consolador**, nº 09, São Paulo: Mythos Editora, mai/2014, p. 26-32.